

**O CABELO DOCILIZADO: UMA MAZELA DO NEOCOLONIALISMO EM
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Pamela Raiol Rodrigues*

Recebido 20/08/2018; aceito em 18/10/2018.

Resumo: O presente artigo pretende evidenciar no romance *Americanah* (2013), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, de qual forma um elemento formador da identidade: o cabelo é docilizado para que a adaptação da protagonista, uma mulher negra, africana e imigrante, possa ocorrer na sociedade americana. Para tanto, utilizamos as ideias de autores pós-coloniais como Aimé Césaire (1955) e Bill Ashcroft et al. (1989) acerca do que foi o colonialismo e como ele se atualiza sob o termo neocolonial. Também discutimos como o romance corrobora a crítica pós-colonial, aqui entendida como as teorias que denunciam os problemas causados pelo colonialismo nas sociedades das ex-colônias. Por fim, acreditamos que a literatura de Adichie funciona como um mecanismo de denúncia do neocolonial e como propulsor do debate acerca de preconceitos advindos da empreitada colonial.

Palavras-Chave: Literatura de resistência; Literatura africana; Nigéria.

Introdução

No romance *Americanah* (2013), Chimamanda Ngozi Adichie escreve a história de como uma nigeriana e um nigeriano vivem a imigração, legal e ilegal. A imigração é um tema pertinente pois sabe-se que parte do povo nigeriano deixa seu país natal tentando uma vida melhor fora do país. Vida essa que costuma trazer novas dificuldades para quem já experienciava diversas, tais como a falta de água encanada, as greves nas universidades e a falta recorrente de energia elétrica.

Uma das justificativas para essa investigação consiste na representatividade que a escrita nigeriana tem no contexto cultural atual, principalmente a de uma mulher nigeriana negra, integrante de um grupo minoritário que precisa de mais visibilidade. A empatia a qual a literatura de Chimamanda nos passa é uma lição para qualquer leitor. Ela comenta em um vídeo¹ que a boa literatura tem este poder: fazer com que o ser humano entenda melhor o outro, ainda que tão diferente dele.

* Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j34wA5CVwqQ>>. Acesso em 30 mar. 2018.

Com este trabalho, objetivamos demonstrar como *Americanah* é um romance de resistência ao colonialismo e às suas mazelas, atualizadas todos os dias em práticas culturais, como, por exemplo, quando uma pessoa latina se vê tratada com certo desprezo em um país de poderio econômico, como os Estados Unidos. Ou, também, o preconceito de raça para com os africanos e seus descendentes vivido até os dias atuais.

Para isso, trouxemos as ideias de Aimé Césaire (1955/1978) acerca do que é o colonialismo e dialogamos com Bill Ashcroft et al. (1989/2002) e o uso feito pelos autores do termo “pós-colonial”. Nessa pesquisa, focamos em analisar um traço significativo da identidade da protagonista: o cabelo. Tal traço precisa se modificar completamente em sua adaptação à sociedade estadunidense, trazendo problemáticas para sua subjetividade e acentuando como a mulher imigrante subalterna tem de enfrentar a atualização do colonialismo em suas vivências fora da África.

A literatura de Adichie procura esclarecer questões pós-coloniais através da arte, suscitando o pensamento crítico do leitor e do estudioso que se debruça sobre suas palavras. As problemáticas presentes em suas narrativas merecem espaço na discussão acadêmica, o que tem sido feito por pesquisadores, tais como Thomas Bonnici (2006), nos últimos anos.

A literatura como denúncia do neo(colonialismo)

Neste trabalho, *Americanah* (2013/2014) é entendido como um romance de resistência e denúncia. Corroborando a crítica pós-colonial, Chimamanda Ngozi Adichie tece uma narrativa na qual os principais pontos são críticas às mazelas causadas pelo colonialismo e por sua atualização: o neocolonialismo². Para a análise, consideramos as concepções de colonialismo baseadas em Aimé Césaire (1955/1978) e Albert Memmi (1957/2007) e, em seguida, procuramos dialogar com as ideias de um pensador da crítica pós-colonial, Stuart Hall (2003).

Para o leitor ainda não familiarizado, apresentamos, antes, uma breve biografia de Chimamanda Ngozi Adichie. Nascida em 1977, em Enugu – Nigéria – África, a quinta filha de seis

² “O neocolonialismo que significa ‘novo colonialismo’ foi um termo cunhado por KwameNkrumah, o primeiro presidente do Gana e líder expoente do pan-africanismo. [...] sugeriu que, apesar de países como Gana terem alcançado a independência política, os poderes ex-coloniais e as superpotências emergentes, como os Estados Unidos, continuaram a desempenhar um papel decisivo em suas culturas e economias através de novos instrumentos de controle indireto. [...] Na verdade, Nkrumah argumentou que o neocolonialismo era mais insidioso e mais difícil de detectar e resistir do que o controle direto exercido pelo colonialismo clássico. O termo tem sido amplamente utilizado para se referir a todas e quaisquer formas de controle das ex-colônias após a independência política” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007, p. 146).

crianças dos pais igbo³ Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie. Nos estudos, por um ano e meio, Chimamanda cursou a faculdade de Medicina na Nigéria, pois era esperado, em sua sociedade, que quando um aluno ia bem durante sua vida escolar, ele se tornasse um médico, mas percebendo que seria uma médica muito infeliz, o que ela conta com humor em um ensaio⁴, dizendo que antes de que algum paciente seu morresse, aos 19 anos, voou para os Estados Unidos. Lá, estudou Comunicação na Universidade de Drexel, na Filadélfia. Depois estudou Ciências Políticas e cursou o mestrado em Estudos Africanos, na Universidade de Yale (2008).

Em 2003 publicou, em Nova York, o seu primeiro livro, o romance *Hibisco roxo*, recebido de forma positiva pela crítica e pelos leitores. *Hibisco roxo* narra a história de uma família de classe alta nigeriana, cujo patriarca é um fundamentalista religioso, causando, por isso, males à sua família. Esse livro é seguido por *Meio sol amarelo* (2006), romance que narra as vidas e lutas dos nigerianos durante a guerra de Biafra⁵. Em 2009, publicou *No seu pescoço*, uma coletânea de contos que chegou ao Brasil em 2017. E, em 2013, publicou seu terceiro romance, *Americanah*, publicado em 2014 no Brasil, tratando de temáticas como a imigração e os preconceitos que permeiam esse movimento.

A autora também é conhecida por seu discurso sobre *O perigo de uma única história* proferido no Technology, Entertainment and Design (TED)⁶, em 2009, e hoje disponível no Youtube⁷. Nele, ela discorre sobre o perigo de ouvir e aceitar a história de um local ou povo contada por uma única pessoa e, ainda pior, contada pelo colonizador. No caso da Nigéria, colonizada por ingleses, é perigoso termos uma versão do que é o país pelos olhos do conquistador. Ela alerta para os estereótipos formados a partir dessas narrativas, salientando que o problema do estereótipo não é ser falso, mas incompleto.

Além da escrita literária, Adichie escreveu livros-manifestos feministas, como o *Sejamos todos feministas*, fruto de sua segunda palestra⁸ no TED, cujo mote foi o feminismo. A escrita centralizada na mulher é muito recorrente em seu trabalho; entre suas personagens, há mulheres questionadoras, como

³ Os igbos são um dos maiores grupos étnicos africanos. Habitam o leste, sul e sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial e falam a língua igbo. Foram um dos povos mais atingidos pelo comércio transatlântico de escravos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Igbos>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

⁴ Disponível em: Adichie, Chimamanda Ngozi. "African "Authenticity" and the Biafran Experience." *Transition*, no. 99 (2008): 42-53. <<http://www.jstor.org/stable/20204260>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

⁵ A Guerra Civil da Nigéria, também Guerra de Biafra que durou de julho de 1967 a janeiro de 1970, foi um conflito político causado pela tentativa de separação das províncias ao Sudeste da Nigéria, como a República autoproclamada do Biafra.

⁶ TED (acrônimo de Technology, Entertainment, Design; em português: Tecnologia, Entretenimento, Planejamento) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas".

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 04 set. 2017.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc&t=137s>. Acesso em: 30 mar. 2018.

tia Ifeoma, em *Hibisco roxo*. Além de *Sejamos todos feministas* (2014), ela também publicou *Para educar crianças feministas: um manifesto* (2017), entre ensaios em revistas e periódicos.

Bastante ativista e politizada, Chimamanda Adichie afirma se sentir fortalecida pelos direitos humanos, mas sua ficção não é sobre isso. Apesar de ela ser, a seus olhos, apenas uma contadora de histórias, também sabe que, através de suas narrativas, pode inspirar pessoas e iluminar problemas na sociedade. Ela pensa que contar histórias é uma das ações mais poderosas para fazer com que as pessoas entendam algo. Quando alguém conta uma história sobre racismo, por exemplo, Adichie pensa que isso fica com as pessoas, em suas consciências. Na escrita, ela não está pensando "Eu vou escrever sobre racismo, as pessoas vão repensar suas atitudes preconceituosas e então os direitos humanos vão avançar". Mas, se alguém lê seu trabalho e, de alguma forma, isso leva a algum avanço nos direitos humanos, isso a faz feliz⁹. Hoje, a autora divide seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos, além de viajar pelo mundo com palestras e discursos. Recentemente, em maio de 2018, Chimamanda recebeu o título honorário de Doutora em Letras na 213ª formatura do Bowdoin College, uma universidade do Maine – EUA.

Para finalizar esse tópico, trazemos uma fala de outra grande escritora, a brasileira Conceição Evaristo. Ela enxerga a subjetividade e vivência de um/a autor/a como importante aspecto do texto literário produzido por ele/ela. Pensamos ser notável a projeção da subjetividade de Adichie em todo conjunto de sua obra até o presente momento, corroborando as ideias de Evaristo acerca da autoria (2009, p. 18):

[...] insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma 'subjetividade' própria vai construindo a sua escrita, vai 'inventando, criando' o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um 'corpo-mulher-negra em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pôde se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4XA4H-oyTnY>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora?

Por fim, entendemos que o trabalho literário de Adichie pontua problemas de suas vivências como mulher negra imigrante em um país de preconceitos históricos, como os Estados Unidos. Em diversas de suas narrativas, a autora constrói diferentes mulheres vivendo processos de vida que poderiam ser os seus. Certamente, como indaga Conceição Evaristo, seria difícil desvencilhar totalmente o ponto de vista da autora de suas criações.

“O que é, no seu princípio, a colonização?”¹⁰

Antes de fazermos uma leitura crítica do romance de Chimamanda, é necessário pensarmos nas construções históricas coloniais que envolvem o país de origem da protagonista do livro. O colonialismo é um fato social muito debatido até os dias atuais devido sua importância e consequências.

Visto, de um lado, por alguns intelectuais e pela sociedade como um fenômeno que devastou tantos povos e continentes; por outro, vale ressaltar como o colonialismo é *não-visto* por uma parte da intelectualidade ocidental que prefere ignorar a problemática – muitos ainda se utilizando de antigos discursos como os que desculpavam as atrocidades e as viam como uma missão de paz, de cultura e de religião para os então chamados “povos bárbaros”.

Em seu *Discurso sobre o colonialismo* (1955), o poeta e estudioso martinicano Aimé Césaire propõe-se a descrever de forma dura e sem anestésias o que foi a colonização. Para tal propósito, ele clarifica o que ela *não* foi:

Concordemos no que ela não é; nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de Deus, nem extensão do Direito; admitamos, uma vez por todas, sem vontade de fugir às consequências, que o gesto decisivo, aqui, é o do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e do mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projectada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a

¹⁰ Questão formulada por Aimé Césaire em seu livro *Discurso sobre o colonialismo*.

alargar à escala mundial a concorrência das suas economias antagônicas (CÉSAIRE, 1978, p. 14-15).

Césaire enxerga a empreitada colonial como extremamente negativa, descreve os colonizadores como os grandes piratas que buscavam as riquezas de outras terras e justificavam suas ações através de razões filantrópicas. Ele continua:

[o] colonizador, para se dar boa consciência se habitua a ver no outro o *animal*, se exercita a tratá-lo como *animal*, tende objectivamente a transformar-se, ele próprio, em *animal*. É esta acção, este ricochete da colonização, que importava assinalar. [...] Falam-se de progresso, de ‘realizações’, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. Lançam-se à cara factos, estatísticas, quilometragens de estradas, de canais, de caminhos de ferro. Mas eu falo de milhares de homens sacrificados no Congo-Oceano. Falo dos que, no momento em que escrevo, cavam à mão o porto de Abidjan. Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria. Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo (CÉSAIRE, 1978, p. 23-25).

A empresa colonial, como bem descreve Césaire, dizimou um número muito grande de nativos, bem como suas características, suas religiões, danças, culturas, suas vidas. E, atualmente, apesar de as colônias já não existirem politicamente, com a independência dos países, as características das ex-colônias traduzem um neocolonialismo que atualiza a época colonial economicamente, socialmente e politicamente em nossos dias.

Além disso, hoje, “os motivos econômicos da empreitada colonial já foram esclarecidos por todos os historiadores da colonização; ninguém mais acredita na missão cultural e moral, mesmo original, do colonizador” (MEMMI, 2007, p. 37). Na coletânea de contos *No seu pescoço* (2017), Chimamanda Adichie, em “Réplica”, aborda questões acerca de máscaras de metal provenientes do Benin, artefatos de um povo que foi roubado pelos colonizadores, demonstrando, por escrito, como a literatura tem força de denúncia:

Ele lhe contou que os ingleses tinham roubado as máscaras originais no final do século XIX, durante o que chamaram de Expedição Punitiva; contou como os ingleses gostavam de usar palavras como ‘expedição’ e ‘pacificação’ para descrever os atos de matar e roubar. As máscaras – milhares delas, disse Obiora – eram consideradas ‘espólios de guerra’, e eram exibidas em museus do mundo todo (ADICHIE, 2017, p. 32).

Neste trabalho, analisamos um romance em parte ambientado na ex-colônia britânica, Nigéria, o país mais populoso da África, independente desde 1960. Considerando-se a data de independência, trata-se de um país recente, que sofre de problemas sérios, como a constante falta de energia elétrica e de bons índices de desenvolvimento para a população – frutos de sua política dependente de grandes impérios, como os Estados Unidos. Tais questões são retratadas nas notícias atuais e nas páginas dos romances nigerianos contemporâneos.

Outra parte do romance passa-se nos Estados Unidos e na Inglaterra, potências econômicas em contraste com a Nigéria. Marcamos os espaços nos quais o romance é construído, bem como o espaço de onde veio a autora da obra e onde vive parte de seu tempo, por ser necessário não se perder de vista o local no qual a narrativa se escreve, pois os locais dos quais ecoam as falas/escritas são refletidos nas vivências das personagens do romance.

***Americanah*: um romance pós-colonial**

Ao lermos *Americanah*, terceiro romance de Chimamanda Ngozi Adichie, traçamos uma análise que pretende trazer à luz os mecanismos utilizados pela autora para denunciar as mazelas do colonialismo ainda presentes nas sociedades contemporâneas. Abordando problemáticas atuais como a diáspora negra, preconceitos de gênero, classe e raça, questões religiosas, corrupção política, entre outros, o trabalho da autora soma-se à crítica pós-colonial – no sentido de que, ao escrever um romance nigeriano/americano rico em detalhes das sociedades que o formam, essa obra é como um tratado etnográfico diaspórico e pós-colonial.

Por exemplo: ‘Você sabe que, se Dike não se vestir direito, eles vão ter um motivo para falar da gente. Se eles estão esfarrapados não tem problema, mas se nós estamos já é outra coisa’ (ADICHIE, 2014, p. 234). O personagem Dike é um rapaz nigeriano que cresceu nos Estados Unidos e, apesar disso, ele precisa se vestir “melhor” do que os americanos, pois tem outra aparência, a de africano. Não lhe é permitido certos “privilégios”, como andar “esfarrapado”; mas aos americanos sim¹¹. Aqui tomamos nota de como é, em parte, a vida do imigrante nigeriano na América – conforme o romance denuncia.

¹¹ Nesse momento da narrativa, questiona-se o fato de Dike, por ser africano, não poder escolher se vestir como gosta, pois sofrerá preconceito usando a mesma roupa despojada que um estadunidense “pode” vestir sem passar pelo que Dike passaria.

Como um campo de estudos, os estudos pós-coloniais estão na interseção dos debates sobre raça, colonialismo, gênero, política e linguagem. Por “pós-colonial” não queremos nos referir ao período seguinte à independência das colônias, nesse caso, da Nigéria, ex-colônia britânica. Essa perspectiva cronológica poderia dar a entender que o colonialismo teve um fim temporal e categórico – ideia que, como sabemos, seria ingênua para se defender, principalmente para quem escreve do Brasil.

É necessário, portanto, esclarecer como entendemos o conceito de “pós-colonial”. O livro *The Empire Writes Back*¹² (1989/2002) usa “pós-colonial” para se referir a “toda a cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até o presente” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2002, p. 2, tradução nossa):

O pós-colonialismo [...] trata dos efeitos da colonização em culturas e sociedades. Como originalmente usado pelos historiadores após a Segunda Guerra Mundial em termos como o estado pós-colonial, ‘pós-colonial’ tinha um significado claramente cronológico, designando o período pós-independência. No entanto, desde o final da década de 1970, o termo foi usado por críticos literários para discutir os vários efeitos culturais da colonização (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007, p. 168, tradução nossa).

O termo “pós-colonial” foi primeiro usado nos círculos de estudos literários para se referir a interações culturais nas sociedades coloniais. Isso fazia parte de uma tentativa de politizar e focar as preocupações de campos como a Literatura da Commonwealth¹³ e o estudo das então chamadas Novas Literaturas em Inglês, iniciadas no final da década de 1960. O termo foi amplamente utilizado para significar a experiência política, linguística e cultural de sociedades que eram ex-colônias europeias (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007).

O estudo das relações entre colonizado e colonizador deve ser visto como uma relação não simplista, como o binarismo entre o dominado/dominador que muitas vezes foi disseminado. Sobre esse aspecto, temos o trabalho de Albert Memmi, escritor e ensaísta francês nascido na Tunísia. Em seu livro *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* (1957/2007), ele reflete sobre a relação entre o colonizado e o colonizador e as subjetividades que existem entre os protagonistas da empreitada colonial, que hoje se atualiza na forma dos preconceitos de raça e classe, por exemplo.

¹² Importante obra acerca dos estudos de literaturas pós-coloniais, publicado pela primeira vez em 1989.

¹³ “Em geral, as literaturas do antigo Império Britânico e da Commonwealth, incluindo a da Grã-Bretanha. Na prática, no entanto, o termo geralmente foi usado para se referir às literaturas (escritas em inglês) de colônias, ex-colônias (incluindo a Índia) e dependências da Grã-Bretanha, excluindo a literatura da Inglaterra. (O termo às vezes incluiu literaturas escritas em linguagens ‘locais’ e práticas orais, e tem sido usada para incluir as literaturas do País de Gales, Escócia e Irlanda)” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007, p. 44-45).

Sabe-se que as culturas do europeu e dos nativos se tornaram híbridas com as experiências de convívio, sem perder de vista que o domínio pertencia ao colonizador. O privilégio era do europeu, mesmo os menores colonizadores eram privilegiados em relação aos colonizados:

Ele [o colonizador] sequer pode decidir evitá-los [os privilégios]: deve viver em constante relação com eles, pois é justamente essa relação que lhe permite a vida que decidiu buscar na colônia; é essa relação que é frutífera, que cria o privilégio. Ele se encontra sobre o prato de uma balança em cujo outro prato está o colonizado. Se seu nível de vida é elevado, é porque o do colonizado é baixo (MEMMI, 2007, p. 41).

Uma das importâncias do pós-colonial, de acordo com o teórico jamaicano Stuart Hall, é ir contra as narrativas binárias. É necessário buscar-se outras narrativas:

No momento ‘pós-colonial’, os movimentos transversais, transnacionais e transculturais, inscritos desde sempre na história da ‘colonização’, mas cuidadosamente obliterados por formas mais binárias de narrativização, têm surgido de distintas formas para perturbar as relações estabelecidas de dominação e resistência inscritas em outras narrativas e formas de vida (HALL, 2003, p. 114).

O pós-colonial se propõe a reconstruir as narrativas contadas de forma binária pelo colonizador, demonstrando como os colonizados participaram mais ativamente dos processos de hibridização de culturas. Sempre lembrando que, ao propor uma cultura sua, a ex-colônia também não pode pretender voltar a ser o que era antes da colonização, pois “sempre existe algo no meio”, que nasceu a partir da colonização, impedindo que os sujeitos colonizados voltem ao estado natural, como aponta Hall (2003, p. 34-35):

Como observou certa vez o romancista Salman Rushdie, ‘o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, canções’ é ‘como a novidade entra no mundo’. Não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder – sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo. Os momentos de independência e pós-colonial, nos quais estas histórias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação. Contudo, essa reconfiguração não pode ser representada como uma ‘volta ao lugar onde estávamos antes’, já que, como nos lembra Chambers, ‘sempre existe algo no meio’.

Atualmente, podemos dizer que vivemos em um período neocolonial – uma atualização do colonialismo vivido nos dias de hoje – com as nações-potência da globalização, como os Estados Unidos, funcionando como grandes *metrópoles* para as *colônias*: os países subdesenvolvidos. Dito

isso, prosseguimos com o objetivo de demonstrar como Chimamanda Adichie, através de sua escrita/ato político, ressalta as problemáticas causadas pelo colonialismo em seu país natal, a Nigéria; e também como o neocolonialismo afeta imigrantes negros em países como os Estados Unidos.

Os cabelos e a docilização

“Ifemelu cresceu à sombra do cabelo de sua mãe” (ADICHIE, 2014, p. 49). É dessa maneira que a narrativa da infância se inicia. Ifemelu desejava ser como a mãe, que seu cabelo fosse “como uma coroa de glória” (ADICHIE, 2014, p. 49). Porém, seus cabelos cresciam com relutância e as cabeleireiras diziam que “os fios cortavam que nem faca” (ADICHIE, 2014, p. 49). Notamos, nesse trecho, como o cabelo é importante para a protagonista. Era uma das características marcantes de sua mãe e também era um elemento de seu corpo que a colocava em um “lugar negativo”. Seus cabelos não eram como uma coroa de glória, mas sim cortavam como faca.

No decorrer da narrativa, já nos Estados Unidos, Ifemelu conhece Curt, com quem inicia namoro. Um ponto importante acerca do cabelo na história é quando o namorado, fazendo uso de seus contatos, consegue uma entrevista de emprego para Ifemelu no centro de Baltimore, e a conselheira de empregos da faculdade diz sobre a entrevista:

‘Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego’. Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora, sabia que não devia rir. ‘Obrigada’, disse (ADICHIE, 2014, p. 220).

Nota-se através da fala da conselheira que a adaptação aos padrões americanos necessariamente apaga traços identitários africanos. A reflexão que o tempo, as vivências e as observações causam em Ifemelu é ampliada, pois, no começo, fora resistente em relação ao cabelo, quando sua tia Uju comentou que precisaria alisá-lo para ir a uma entrevista. Nessa época, Ifemelu perguntara: “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”. Todavia, no momento em que fora aconselhada a fazer a mesma coisa, agradeceu o conselho à orientadora – ela entendia que importava. Era algo triste de se compreender, mas compreendia.

A violência do alisamento é descrita não apenas como algo psicológico, mas também corporal; é uma dor física sentida pela protagonista:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro

cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. ‘Arde um pouco’, disse a cabeleireira. ‘Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!’ O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda (ADICHIE, 2014, p. 221).

O filósofo francês Michel Foucault, em *Vigiar e punir* (1975/2014), trabalha o conceito de corpo dócil. Para ele, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (2014, p. 134). A partir desse conceito, podemos pensar em como o corpo de Ifemelu foi docilizado pelo modo americano de viver.

Depois do alisamento dos cabelos, a entrevista de emprego foi um sucesso. Ifemelu muda-se para Baltimore e, além disso, a vaga possuía a vantagem de dar entrada nos documentos necessários para regulamentar sua imigração através do *Greencard*.

Não podemos deixar de observar que dificilmente ela conseguiria uma chance como essa sem o namorado Curt. As oportunidades boas estavam relacionadas diretamente aos privilégios quase infundáveis dele, um homem branco, rico e americano. A atualização do colonialismo se dá também em relação a esses privilégios, ele pode ser considerado como o novo “colono”, enquanto Ifemelu é a nova “colonizada”.

Destacamos que outras mulheres imigrantes, sem as chances que Ifemelu conseguiu através de Curt, jamais conseguiriam seu *Greencard* e viveriam na ilegalidade.

Seguindo a narrativa, um tempo depois do relaxamento, o cabelo de Ifemelu começa a cair. Alertada por Wambui – uma amiga da faculdade –, ela precisa cortá-los para que cresçam naturais, caso não queira ficar sem eles:

‘Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com o Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco. Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortá-lo agora mesmo. Não precisa pensar muito.’ Wambui parecia tão certa e foi tão convincente que Ifemelu procurou uma tesoura. Wambui cortou seu cabelo, deixando apenas dois dedos, as pontas que haviam crescido desde que ela o relaxara da última vez.

Ifemelu olhou no espelho. Ela estava com os olhos enormes e uma cabeça enorme. Na melhor das hipóteses, parecia um menino; na pior, um inseto. ‘Estou tão feia. Dá até medo.’ ‘Você está linda. Dá para ver muito bem sua estrutura óssea agora. Não está acostumada a se ver assim, só isso. Vai se acostumar’, afirmou Wambui (ADICHIE, 2014, p. 226-227).

Ifemelu só consegue se sentir melhor em relação ao cabelo quando conhece um *site* destinado a discussões sobre cabelo crespo e natural. Nesse espaço, várias mulheres fazem comentários, indicam receitas e se ajudam mutuamente na tarefa de gostar de seus cabelos. No *site* FelizComEnroladoCrespo.com as mulheres apoiavam-se: “Comentar naquele site era como dar testemunho na igreja: suas palavras eram recebidas com um alarido de aprovação, e reviviam” (ADICHIE, 2014, p. 232).

A resistência que Ifemelu demonstra após os maus-tratos do alisamento do cabelo pode ser entendida como um empoderamento da mulher nigeriana que ela representa. Resistir com seu cabelo e com sua identidade africana contra o paradigma esperado é claramente uma forma de corroborar a crítica pós-colonial, a qual pontua as mazelas criadas pelo colonialismo e suas atualizações no mundo globalizado.

Também é importante notar que esse empoderamento de Ifemelu não poderia ser facilmente encontrado em mulheres não possuidoras dos privilégios dela: ser uma estudante universitária, ser uma imigrante legalizada, ter suporte de um namorado branco, rico e americano. Ifemelu conseguiu um trabalho estável depois de muita degradação – sabemos que essa é a exceção, pois, em geral, as mulheres negras, pobres e imigrantes continuarão na subalternidade triplicada: de gênero, de raça e de classe. De acordo com o questionamento de Gayatri Spivak (2010, p. 85): “Pode o subalterno falar? [...] A questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvido de três maneiras”.

Ainda sobre cabelo, quando Ifemelu resolve voltar para Nigéria, procura um salão de beleza especializado para trançar as madeixas, visando a viagem de volta. Era a primeira vez que ia ao salão de Mariama, mas tinha certeza de que teria a mesma aparência dos outros que já havia ido:

Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Aisha ou Fatima, tinham aquecedores que faziam a temperatura subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a

proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia o telefone e era respeitada pelas outras. Com frequência havia um bebê amarrado às costas de alguém com um pedaço de pano. Ou uma criança de dois ou três anos dormindo numa canga aberta sobre um sofá puído. Às vezes, crianças um pouco mais velhas passavam no salão. As conversas eram barulhentas e rápidas, em francês, wolof ou mandingo, e quando elas falavam inglês com os clientes era um inglês engraçado e cheio de erros, como se não tivessem se acostumado bem com a língua antes de assumir as gírias dos americanos. As palavras saíam pela metade. Certa vez, na Filadélfia, uma cabeleireira guineana dissera a Ifemelu: ‘Ô tarra, tip si, mutput’. Ela precisou repetir várias vezes antes que Ifemelu compreendesse que queria dizer: ‘Eu tava, tipo assim, muito puta’ (ADICHIE, 2014, p. 16).

Os salões são descritos como lugares nos subúrbios: sujos, com ar condicionado quebrado e funcionários que não dominavam a língua inglesa. Esse é o local destinado ao imigrante sem escolaridade. Ifemelu é recebida pelas cabeleireiras como uma irmã-África, alguém que divide com elas as mazelas de ser invisível para os americanos. Entretanto, durante sua estadia no salão, notamos que elas não são *tão* irmãs assim.

A cabeleireira designada para as tranças de Ifemelu chama-se Aisha e é do Senegal. Ifemelu não simpatiza com ela porque a senegalesa destrata seu cabelo, dizendo que é difícil de pentear e perguntando qual o motivo de não alisar. Quando a cabeleireira pergunta onde Ifemelu mora, a protagonista sente o “prazer perverso” em responder: “Princeton”, adicionando o fato de que tinha uma bolsa. Para Ifemelu, Aisha não saberia o que é uma bolsa e se sentiria intimidada. Essa descrição dos comportamentos de má índole da protagonista acrescenta profundidade à construção de uma personagem complexa, que não é apenas “boazinha”, mas é como uma pessoa real, com vícios e virtudes, sem maniqueísmo.

A questão do cabelo demonstra claramente uma dura forma de atualização do colonialismo. O cabelo afro hoje, inclusive no Brasil, é visto, muitas vezes, como um cabelo “não-profissional”. Os padrões hegemônicos maltratam quem está fora do esperado e essa violência é mental e física. Trazer para a discussão essa problemática é uma forma de contribuir para o debate e não deixar passar despercebidas situações de preconceito relacionadas ao cabelo ou outros traços identitários de todo e qualquer ser humano.

Considerações finais

Quando Ifemelu rompe com a docilização do corpo e volta a usar o cabelo natural, há um descompasso no esperado pelo sistema hegemônico. Através dessa quebra, tem-se o discurso de que é possível inverter situações consideradas como padronizadas e que retiram traços culturais de um

povo, nesse caso, o povo nigeriano. E em relação à mulher: esse romance empodera, mostrando como é possível ascender socialmente.

O empoderamento ocasionado pelo cabelo natural assumido é significativo e funciona como uma mola impulsadora para leitoras de cabelo afro que sintam necessidade de assumir seus cabelos para se sentirem mais livres em seus corpos e suas identidades. Chimamanda Adichie denuncia a existência da imposição de um padrão, fruto do neocolonial, corroborando a crítica pós-colonial e, ao mesmo tempo, demonstra a possibilidade da mudança e quebra da docilidade:

Num dia comum do início da primavera – não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece –, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo (ADICHIE, 2014, p. 232).

A leitura e discussão de *Americanah* mostram-se importantes contra a invisibilidade de grupos minoritários compostos por mulheres, negras, imigrantes, pobres, desempregadas. A literatura, assim como outras artes, exerce influência nas atitudes da sociedade, ampliando debates, dando voz a discursos indispensáveis para auxiliar o indivíduo a reflexões sociais.

Por fim, consideramos importante refletir sobre identidades que não são as hegemônicas. É significativo que tomemos cada vez mais consciência da vastidão do mundo no qual nos inscrevemos como sujeitos e sujeitas, com o intuito de que, futuramente, possamos viver de forma mais respeitosa e harmoniosa em sociedade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. African "Authenticity" and the Biafran Experience. *Transition*, no. 99 (2008): 42-53. <<http://www.jstor.org/stable/20204260>>. Acesso em 31 mar 2018.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Post-colonial Studies: the key concepts*. Second edition. London: Routledge, 2007.

_____. *The empire writes back: theory and practice in postcolonial literatures*. 2nd edition. London: Routledge, 2002.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 13, no. 25, p. 17-31. 2º sem. 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. (Org.). Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THE DOCILIZED HAIR: A MAZELA OF NEOCOLONIALISM IN *AMERICANAH*, OF CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Abstract: The present article aims to demonstrate in the novel *Americanah* (2013), by the Nigerian Chimamanda Ngozi Adichie, in which form an element that forms the identity: the hair is docilized so that the adaptation of the protagonist, a black, African and immigrant woman, can occur in American society. To do so, we use the ideas of postcolonial authors such as Aimé Césaire (1955) and Bill Ashcroft et al. (1989) on what colonialism was and how it is updated under the neocolonial term. We also discuss how the novel corroborates postcolonial criticism, here understood as the theories that denounce the problems caused by colonialism in the societies of the former colonies. Finally, we believe that Adichie's literature works as a mechanism of denunciation of the neocolonial and as propellant of the debate about prejudices arising from the colonial enterprise.

Keywords: Resistance Literature; African Literature; Nigeria.